ISSN: 2358-8829

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PIBID COM AUTODITADO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Gustavo de Sousa Barbosa [1]
Eduarda Vitoria Leal de OLiveira [2]
Williany dos Santos Nunes [3]
Rosana Alencar de Sá Mendes [4]
Maria Cezar de Sousa [5]

Palavras-chave: Alfabetização; Autoditado; Processo de aprendizagem; Escrita.

INTRODUÇÃO

A alfabetização constitui uma etapa fundamental da Educação Básica, uma vez que envolve não apenas a aprendizagem da escrita, mas também a compreensão das relações entre oralidade, leitura e produção escrita. Nesse processo, é importante que as crianças tenham oportunidades de refletir sobre a língua escrita, levantar hipóteses, experimentar diferentes formas de registrar palavras e atribuir significado ao que escrevem. Nessa perspectiva, práticas pedagógicas que valorizam a participação ativa da criança podem contribuir para tornar a aprendizagem da escrita mais significativa, especialmente quando articuladas a situações próximas de seu cotidiano e às suas experiências.

Entre as estratégias que podem favorecer esse processo, destaca-se o auto ditado, uma atividade que possibilita à criança relacionar imagens, palavras e sons, mobilizando conhecimentos já construídos sobre a escrita. Ao ser convidada a escrever

[1] Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, gustgb037@gmail.com;

[2]Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Eduarda.oliveira@ufpi.edu.br

[3]Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, williany.santos@ufpi.edu.br;

[4]Professora: Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), especialista em Docência do Ensino Superior. Atua na área de alfabetização na Educação Básica, com ênfase em processos de ensino e aprendizagem, desenvolvimento da leitura e escrita e práticas pedagógicas voltadas aos primeiros anos escolares, rosanaalencars@gmail.com

[5] Professora orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Educação e graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Atua nas áreas de alfabetização, educação matemática, currículo, ensino e formação de professores. mariacezarsousa@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

espontaneamente aquilo que identifica ou reconhece, a criança é estimulada a pensar sobre as letras, os sons que compõem as palavras e a organização da escrita, tornandovisíveis suas hipóteses e formas de compreender o processo de aprendizagem da escrita. Dessa maneira, o auto ditado pode ultrapassar o caráter de uma atividade de registro, constituindo-se como uma possibilidade de acompanhamento das aprendizagens e de intervenção pedagógica.

É nesse contexto que se inserem as experiências desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilita a aproximação entre a universidade e a escola pública, contribuindo para a articulação entre os conhecimentos teóricos construídos na formação acadêmica e as situações concretas vivenciadas no cotidiano escolar. O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as contribuições do uso do auto ditado como estratégia pedagógica no processo de alfabetização, a partir de experiências desenvolvidas por bolsistas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, em uma escola pública municipal de Picos-PI, com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

As experiências analisadas indicaram que o uso do auto ditado pode contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica, da autonomia e do interesse das crianças pelas práticas de leitura e escrita. Além disso, a atividade possibilitou aos bolsistas observar mais atentamente os conhecimentos que as crianças já possuíam e suas dificuldades, favorecendo uma atuação pedagógica mais consciente e direcionada às necessidades apresentadas durante o processo de alfabetização. Nesse sentido, a prática também evidenciou que atividades aparentemente simples podem assumir importante função pedagógica quando planejadas de maneira intencional e articuladas aos conhecimentos e às experiências das crianças.

Assim, as vivências desenvolvidas no âmbito do PIBID reforçam a relevância de aproximar a formação acadêmica da realidade escolar, proporcionando aos futuros professores experiências que possibilitam compreender os desafios e as possibilidades presentes no processo de alfabetização. Conclui-se, portanto, que o auto ditado pode constituir uma estratégia significativa para favorecer a reflexão sobre a escrita e acompanhar o desenvolvimento das crianças, ao mesmo tempo em que contribui para uma prática docente mais investigativa, participativa e articulada entre teoria e prática.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência, de natureza descritiva e reflexiva, desenvolvido a partir das vivências de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculados ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. As atividades foram realizadas em uma escola pública municipal do município de Picos-PI, com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, durante as ações voltadas ao processo de alfabetização.

Para o desenvolvimento da proposta, foi utilizada a atividade de auto ditado como estratégia pedagógica, tendo como principais recursos imagens, folhas de atividades e materiais de escrita. A dinâmica consistiu na apresentação de imagens relacionadas a palavras conhecidas pelas crianças, a partir das quais foram convidadas a realizar o registro escrito de forma espontânea. Durante a realização da atividade, os bolsistas acompanharam as produções, observando as formas de escrita utilizadas pelas crianças, suas hipóteses, a relação estabelecida entre os sons e as letras e as estratégias mobilizadas para a construção das palavras.

Como instrumentos para o registro das experiências, foram utilizados a observação participante, registros escritos das atividades desenvolvidas e as produções realizadas pelas próprias crianças. Posteriormente, as informações obtidas durante a vivência foram organizadas e analisadas de maneira descritiva e reflexiva, considerando as manifestações das crianças, sua participação e os conhecimentos mobilizados durante a atividade. A análise buscou compreender as contribuições do auto ditado para o desenvolvimento da consciência fonológica, da autonomia e do interesse pelas práticas de leitura e escrita.

Por se tratar de um relato de experiência desenvolvido no contexto das atividades pedagógicas do PIBID, não foram realizadas entrevistas ou procedimentos experimentais com os participantes. As atividades foram conduzidas de forma integrada à rotina escolar, respeitando as orientações da instituição e os princípios éticos relacionados à participação das crianças. Quanto ao uso de imagens, foram consideradas as normas de autorização e preservação da identidade dos participantes, não sendo utilizadas imagens que permitissem sua identificação sem a devida autorização.

REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

A alfabetização constitui um processo fundamental para o desenvolvimento da criança, envolvendo a apropriação da leitura e da escrita e a compreensão de seus diferentes usos. Nesse processo, a criança não deve ser compreendida como um sujeito passivo que apenas recebe informações, mas como alguém que participa ativamente da construção de conhecimentos sobre a língua escrita. Nessa perspectiva, os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky contribuíram significativamente para a compreensão da aquisição da língua escrita. As autoras evidenciam que a criança constrói hipóteses acerca do funcionamento do sistema de escrita e passa por diferentes momentos durante esse processo. Assim, suas produções devem ser analisadas como manifestações de conhecimentos em construção, e não simplesmente como erros a serem corrigidos.

FERREIRO e TEBEROSKY (1999, p. 21) destacam que, historicamente, a aprendizagem da leitura e da escrita foi frequentemente apresentada como uma questão de métodos, levando os educadores à busca por um método considerado mais eficaz. A perspectiva das autoras desloca essa preocupação para a compreensão de como a própria criança pensa e constrói conhecimentos sobre a escrita. Essa mudança é fundamental para o trabalho com atividades como o autoditado, pois permite observar as hipóteses elaboradas pelas crianças durante a tentativa de escrever. A partir dessa perspectiva, o autoditado pode ser compreendido como uma atividade que possibilita à criança mobilizar seus conhecimentos sobre a língua escrita. Ao observar uma imagem e tentar registar por escrito a palavra correspondente, a criança estabelece relações entre aquilo que conhece oralmente e as possibilidades de representação por meio da escrita. Para o professor, essas produções constituem importantes elementos de observação e acompanhamento do processo de alfabetização.

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Ana Luiza Bustamante Smolka, que apresenta a alfabetização como um processo discursivo. Para a autora, alfabetizar não significa simplesmente ensinar ou aprender letras, palavras e frases isoladas, mas possibilitar à criança a apropriação de uma forma de linguagem e de interação. SMOLKA (2008, p. 63) compreende a alfabetização como um processo discursivo no qual a criança aprende a ouvir e compreender o outro pela leitura e aprende a falar e expressar o que deseja pela escrita. A perspectiva de Smolka é especialmente relevante para este estudo porque valoriza a participação da criança e a produção de sentidos durante a alfabetização.

A autora destaca a importância das interações estabelecidas no espaço escolar e

ISSN: 2358-8829

compreende a escrita como uma atividade que se constitui nas relações entre os sujeitos. Dessa maneira, as atividades de alfabetização precisam criar possibilidades para que a criança utilize a linguagem de maneira significativa. Nesse sentido, a atividade de autoditado pode ultrapassar a simples reprodução de palavras. Quando a criança é convidada a observar, pensar, falar e registrar aquilo que compreendeu, ela participa ativamente da situação de aprendizagem. O professor, por sua vez, pode observar como a criança organiza seus conhecimentos e quais estratégias utiliza para representar graficamente aquilo que deseja escrever.

A contribuição de Magda Soares também é importante para a compreensão da alfabetização. A autora estabelece uma relação entre alfabetização e letramento, ressaltando a necessidade de que a aprendizagem do sistema de escrita esteja articulada às práticas sociais de leitura e escrita. Dessa forma, alfabetizar não significa apenas ensinar o código escrito, mas possibilitar que a criança compreenda e utilize a leitura e a escrita em situações significativas. A alfabetização, portanto, envolve tanto a apropriação do sistema de escrita quanto a participação em práticas de linguagem. Nesse sentido, atividades realizadas em sala de aula precisam considerar os conhecimentos que as crianças já possuem e possibilitar situações nas quais possam utilizar a leitura e a escrita de maneira significativa.

As contribuições de Paulo Freire também ajudam a ampliar essa compreensão. Para o autor, a alfabetização está relacionada à leitura da realidade e à experiência dos sujeitos. A leitura da palavra não acontece de maneira isolada da leitura do mundo, uma vez que a criança chega à escola trazendo conhecimentos construídos em suas experiências familiares, sociais e culturais. Assim, o processo de alfabetização deve considerar a realidade e os conhecimentos prévios dos educandos. Essa perspectiva contribui para compreender a importância de atividades que partam de situações conhecidas pelas crianças. No autoditado, por exemplo, a utilização de imagens e palavras próximas ao universo infantil pode favorecer a participação e possibilitar que a criança estabeleça relações entre aquilo que já conhece e o conhecimento que está construindo sobre a escrita.

Outro aspecto relevante diz respeito à compreensão do erro no processo de alfabetização. As produções que não correspondem à escrita convencional não devem ser vistas apenas como falhas, pois podem revelar hipóteses e conhecimentos que a criança está construindo. Nesse sentido, observar as escritas infantis possibilita ao

ISSN: 2358-8829

professor compreender melhor o percurso de aprendizagem de cada aluno e planejar intervenções pedagógicas mais adequadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados foi realizada a partir da comparação entre duas aplicações do autoditado, realizadas nos meses de março e junho, com o objetivo de acompanhar as hipóteses de escrita apresentadas pelas crianças durante o processo de alfabetização. A utilização do autoditado possibilitou observar como as crianças estavam compreendendo e representando a escrita em diferentes momentos do acompanhamento pedagógico.

No mês de março, na primeira aplicação, foram identificadas 10 crianças no nível pré-silábico, 4 no nível silábico com correspondência sonora e 3 no nível silábico-alfabético, não sendo identificada nenhuma criança no nível alfabético. Esses dados evidenciam que, naquele primeiro momento, as crianças apresentavam diferentes hipóteses acerca do funcionamento da escrita, com predominância do nível pré-silábico.

No mês de junho, na segunda aplicação, foram identificadas 12 crianças no nível pré-silábico, 3 no nível silábico-alfabético e 6 no nível alfabético. Nessa segunda avaliação, não foi registrada a categoria “silábico com correspondência sonora” e houve o aparecimento de 6 crianças no nível alfabético, enquanto, na primeira aplicação, não havia nenhuma criança nessa categoria

Quadro das hipóteses de escrita nos meses de março e junho

HIPÓTESES DA ESCRITA	MARÇO	JUNHO
PRÉ-SILÁBICO	10	12
SILÁBICO COM CORRESPONDÊNCIA SONORA	4	0
SILÁBICO-ALFABÉTICO	3	3
ALFABÉTICO		6
TOTAL	17	21

Fonte: Dados da pesquisa, elaborados a partir das aplicações de autoditados.

A comparação apresentada no quadro permite observar algumas mudanças importantes no processo de apropriação da escrita. O dado que mais se destaca é o

ISSN: 2358-8829

surgimento de 6 registros no nível alfabético em junho, considerando que, em março, não havia nenhuma criança classificada nesse nível. Esse resultado demonstra que, durante o período acompanhado, foram observados avanços na compreensão do sistema de escrita por parte de algumas crianças.

Também é possível observar uma alteração na distribuição das hipóteses intermediárias. Em março, havia 4 crianças classificadas como silábicas com correspondência sonora, enquanto, em junho, não houve registros nessa categoria. Paralelamente, foram identificadas 3 crianças no nível silábico-alfabético nos dois momentos.

Esses dados demonstram que as hipóteses de escrita não permanecem estáticas, uma vez que as crianças podem modificar suas formas de compreender e representar a linguagem escrita à medida que entram em contato com diferentes situações de aprendizagem.

Os resultados podem ser relacionados aos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), que compreendem a aquisição da escrita como um processo de construção no qual a criança formula e reorganiza hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita. Dessa maneira, as diferentes formas de escrita apresentadas pelas crianças precisam ser compreendidas como parte de seu processo de construção do conhecimento, e não apenas como erros a serem corrigidos.

Nesse sentido, a comparação entre março e junho permite compreender o autoditado como um instrumento importante para acompanhar essas hipóteses. Ao registrar aquilo que a criança consegue produzir em determinado momento, o professor pode observar suas formas de pensar sobre a escrita e identificar possíveis avanços e necessidades de intervenção pedagógica. A perspectiva de SMOLKA (2008, p. 63) contribui para essa compreensão ao abordar a alfabetização como um processo discursivo. Nessa perspectiva, a aprendizagem da escrita está relacionada às experiências de linguagem e às interações estabelecidas pela criança. Assim, o trabalho pedagógico precisa criar oportunidades para que os alunos utilizem a escrita em situações significativas, refletindo sobre aquilo que escrevem e sobre como a linguagem escrita funciona.

Os dados também demonstram a importância de uma avaliação que considere o percurso de aprendizagem da criança. O fato de algumas crianças terem alcançado o nível alfabético no segundo momento evidencia mudanças importantes, mas não significa que

ISSN: 2358-8829

todas tenham avançado da mesma maneira ou no mesmo ritmo. A alfabetização é um processo individual e coletivo, marcado por diferentes tempos, hipóteses e formas de aprendizagem. Além disso, é necessário considerar que os registros de março totalizaram 17 crianças, enquanto os registros de junho totalizaram 21. Portanto, a comparação apresentada neste estudo concentra-se na distribuição das hipóteses de escrita registradas em cada aplicação, não sendo possível afirmar, somente com esses dados, que as mesmas 17 crianças permaneceram na avaliação de junho ou calcular individualmente a trajetória de cada aluno.

Ainda assim, a presença de 6 registros no nível alfabético em junho, inexistentes na primeira aplicação, constitui um dado relevante para a análise do processo observado. Esse resultado, articulado às atividades desenvolvidas durante o período, permite perceber que houve transformações nas formas de apropriação da escrita apresentadas pelas crianças. Dessa forma, os resultados reforçam a importância de práticas pedagógicas que possibilitem à criança escrever, experimentar, refletir e reconstruir suas hipóteses. O acompanhamento realizado no âmbito do PIBID contribuiu, nesse sentido, para aproximar a formação acadêmica da realidade escolar, permitindo observar concretamente os diferentes momentos do processo de alfabetização e refletir sobre a importância da mediação pedagógica nesse percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou acompanhar e analisar diferentes momentos do processo de alfabetização das crianças, tendo o autoditado como instrumento de observação e acompanhamento das hipóteses de escrita. A comparação entre os registros realizados nos meses de março e junho permitiu identificar mudanças na distribuição dos níveis de escrita apresentados pelas crianças e compreender melhor a complexidade do processo de apropriação da língua escrita. Na primeira aplicação, realizada em março, foram registrados 10 alunos no nível pré-silábico, 4 no nível silábico com correspondência sonora e 3 no nível silábico-alfabético, não havendo registros no nível alfabético. Na segunda aplicação, realizada em junho, foram registrados 12 alunos no nível pré-silábico, 3 no nível silábico-alfabético e 6 no nível alfabético. O surgimento de registros no nível alfabético representa um dado significativo para a análise, uma vez que essa categoria não havia sido identificada na primeira aplicação.

ISSN: 2358-8829

Os resultados demonstram, portanto, que houve mudanças nas hipóteses de escrita observadas ao longo do período analisado. Entretanto, considerando que os registros totalizaram 17 crianças em março e 21 em junho, os dados não permitem afirmar individualmente quais crianças mudaram de um nível para outro. Dessa forma, a análise deve ser compreendida como uma comparação entre os registros realizados nos dois momentos, evitando conclusões que ultrapassem as informações obtidas durante a pesquisa.

A experiência também evidenciou a importância de compreender a alfabetização como um processo gradual, no qual as crianças constroem diferentes hipóteses acerca da língua escrita. Nesse sentido, os resultados dialogam com a perspectiva de Ferreiro e Teberosky (1999), ao considerar que a criança participa ativamente da construção de conhecimentos sobre o sistema de escrita. As diferentes formas de escrita apresentadas pelas crianças constituem elementos importantes para que o professor compreenda o estágio de aprendizagem em que elas se encontram e planeje intervenções adequadas. O autoditado mostrou-se, nesse percurso, uma estratégia relevante para a observação e o acompanhamento das aprendizagens. Por meio das produções das crianças, foi possível identificar diferentes hipóteses de escrita e estabelecer uma comparação entre dois momentos do processo de alfabetização. Assim, a atividade ultrapassa a função de simplesmente verificar respostas corretas ou incorretas, podendo contribuir para que o professor compreenda como a criança está pensando sobre a escrita.

A partir da experiência desenvolvida no âmbito do PIBID, também foi possível perceber a importância da aproximação entre teoria e prática na formação docente. O contato com as crianças, a observação de suas produções e a análise dos resultados possibilitaram uma compreensão mais concreta dos desafios e das possibilidades presentes no processo de alfabetização.

Conclui-se, portanto, que o acompanhamento sistemático das crianças e a utilização de estratégias como o autoditado podem contribuir para uma prática pedagógica mais consciente e atenta às diferentes hipóteses de escrita. Os dados analisados, especialmente o surgimento de seis registros no nível alfabético no segundo momento, evidenciam mudanças importantes entre os dois períodos observados e reforçam a necessidade de práticas de alfabetização que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem, valorizem os conhecimentos construídos pelas crianças e promovam

situações significativas de leitura e escrita. Por fim, o estudo possibilitou compreender que alfabetizar não consiste apenas em ensinar letras e palavras, mas em acompanhar um processo de construção de conhecimentos que exige observação, mediação, planejamento e reflexão permanente sobre as aprendizagens das crianças. Nesse sentido, a experiência vivenciada no PIBID contribuiu tanto para a compreensão do desenvolvimento da escrita pelas crianças quanto para a formação e o desenvolvimento da prática docente. Nosso agradecimento especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e incentivo à formação de professores e pela oportunidade proporcionada por meio do programa.

Agradecemos, de maneira especial, ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), por possibilitar a aproximação entre a universidade e a escola, permitindo vivenciar o cotidiano da sala de aula, conhecer os desafios da alfabetização e transformar conhecimentos teóricos em experiências práticas. O PIBID foi fundamental para nossa formação acadêmica e docente, proporcionando experiências que certamente contribuirão para nossa futura atuação profissional. A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para essa experiência de formação, deixamos o nosso mais sincero agradecimento.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** 12. Ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.